

HISTÓRIAS DA COOLMEIA 2

Segunda história...

Na década de 80 a Cooperativa Ecológica alugava uma casa com a ADFG e a Agapan as duas principais entidades ecológicas do estado e do Brasil. A Coolmeia tinha na frente seu entreposto. A Agapan dividia sua sala para a Coolmeia ter também seu escritório. A cozinha era de uso coletivo. A sala maior ficava com a ADFG. Havia uma pequena sala para o estoque e ensacamento das mercadorias. Claro, a casa era antiga, o carpete servia para tapar os buracos do assoalho e a cada chuva uma nova goteira se manifestava....

Nas terças-feiras ocorria a feirinha orgânica. O único produtor era o famoso, para época, Pedro Verde. Pedro Verde morava em Ivoti. Ele não tinha uma propriedade. Arrendava o que encontrava, podia ser área rural ou terrenos baldios na cidade. Produzia e trazia para a Coolmeia uma grande diversidade de produtos. Foi o primeiro produtor orgânico que forneceu para os grandes supermercados. As vendas cresciam na cooperativa e ele também crescia. De uma Kombi passou para duas. Em 84 ou 85 Pedro Verde deu passos maiores que suas pernas. E desandou. Falta de controles administrativos, despesas desproporcionais o fizeram quebrar. E de uma hora para outra parou. O levamos para o Sítio que a Coolmeia arrendava da minha família. E assim o sítio deu um salto na produção. Inclusive vendemos rabanetes e chicórias para o supermercado Zaffari. Quem transportou esta carga fui eu. No meio daqueles grandes depósitos e uma quantidade enorme de caminhões a kombizinha da Coolmeia, carregada de orgânicos, foi bem divertido.

Uma história trágica e inesquecível foi quando o Laboratório do Ministério da Agricultura analisando morangos de diversos produtores encontrou nos comercializados pela Coolmeia os maiores indicadores de venenos!! Este laboratório tinha dois ecologistas que efetuavam as análises. Nada mais nada menos que Sebastião Pinheiro e a Ana Valls. Eles vieram respeitosamente falar conosco. Falamos com Pedro Verde. Ele deu uma desculpa esfarrapada. Morremos de vergonha. A fragilidade estrutural da Coolmeia era enorme. Apenas boa vontade não era suficiente. Foi uma bela lição para todos.

E os preços dos hortifrutigranjeiros orgânicos naquela época? Lembro que cuidávamos para não sermos mais caros que os praticados na feira livre das terças-feiras que ocorria na Rua João Telles bem em frente da Coolmeia. Também cuidávamos para não sermos muito mais caros que os convencionais do Zaffari. Desde aquela época queríamos que o acesso ao alimento de qualidade fosse um direito de todos. Não um privilégio para uma minoria como é visto ainda hoje pelo tal mercado.

Por volta de 1984 começamos a ter verduras orgânicas às quintas-feiras. Grande passo. Nós íamos buscar em Taquara. Eram 4 mulheres que produziam. Não enchiam uma Kombi. Mas era conquista. Não éramos mais dependentes do Pedro Verde. Crescíamos.

Outro lado é outra coisa!

Aqui deste lado. Falarei de coisas ligadas ao que produzo e comercializo.

A minha banca começou em 2004.

E, surgiu de forma bem peculiar. Eu havia retornado do Rio de Janeiro onde morei por mais de 10 anos. A Coolmeia em 2003 já estava numa crise irrecuperável. Na busca para onde direcionar corretamente nossa energia. Glaci, Jaime, Sebastião e eu durante um bom tempo analisamos conjuntura da agricultura ecológica da época. E, concluímos. As frentes que a Coolmeia levantava foram perdidas. As Feiras da Coolmeia estavam em outro rumo. Decidimos dar ao nosso novo trabalho um enfoque diferente. Focar em tecnologias que tinham na mineralização do solo a base tanto para a produção como para o consumo. Na agricultura denominamos biomineralização. Para o consumo nutracêuticos.

E, vimos numa banca na antiga FAE uma fonte de contato com os consumidores. A Banca tinha como nome Banca dos Nutracêuticos. Comercializávamos pós de rochas e biofertilizantes para agricultura, livros e e cactos e suco de cactos. Tendo no cacto o símbolo do nosso trabalho como alimento nutracêutico.

Cacto?

Sebastião Pinheiro tinha trabalhos no México e no sertão nordestino. E comentava que o nordestino só comia cacto quando não havia outra alternativa. Diferente que via no México, onde o cacto integrava o cotidiano alimentar da população. Então tivemos a idéia de fazer um evento na feira divulgando o cacto como alimento. Chamamos a TVE para uma filmagem. E assim poderia mostrar aos nordestinos que os "europeus" gaúchos comiam cacto devido às suas qualidades e não porque se passava fome. Com isso aprendemos a importância e a necessidade de promover e significar o cacto para a nossa cultura alimentar. É o que fazemos nos sucos, nas pastinhas e nas kombuchas introduzimos o cacto para enriquecer e qualificar nutricionalmente nossos produtos.

Família Diehl Fone 51 996611612

A Família Diehl tem sua sede na Estrada Chapéu do Sol, Belém Novo, Porto Alegre.
É pioneira, 1982, em produção e comercialização de orgânicos em Porto Alegre.
Esteve presente na inauguração da Feira de Agricultores Ecológicos em outubro de 1989.
Nesse período estava arrendada para a Coolmeia.
Retornamos agora em 2017.
Temos agroindústria que produz pastinhas veganas e saborizamos kombuchas.
Também produzimos Ora Pro Nobis, algumas frutas e temperos.
Comercializamos em duas feiras.
No Box 50 na 1ª. Quadra da rua José Bonifácio aos sábados pela manhã até às 13 horas.
E, nas quartas-feiras, na Feira Ecológica do Menino Deus das 11 às 17 horas.

HISTÓRIAS DA COOLMEIA 3

Terceira história...

Em 82 a Berenice uma das criadoras do atual Bric da Redenção convidou a Coolmeia para participar vendendo lanches naturais. A Glaci aceitou o convite e deu início na organização dos associados produtores urbanos. A primeira produtora foi a Eneida, a mesma que hoje produz ótimos lanches ao lado da minha banca na Feira Ecológica da 1ª. Quadra. Não ficou muito tempo e entraram outros. Até que, 1984, não havia quem quisesse ocupar a banca. Então, a Glaci convidou o Betinho e eu. Eu? Sim eu. Sábado à noite produzia 15 pães e duas tortas, uma doce e outra salgada. Tudo integral. A grande atração era o Betinho. Betinho era um artesão super perfeccionista. Na época estudante de agronomia na UFRGS e alugava uma casa num sítio por perto. Devido a um contratempo o acolhemos na própria sede da Coolmeia. Produzia apfelstrudel, empadinha de cebola e pé de moleque. Um sucesso é pouco era um super sucesso nossa banca. Às 10 horas não sobrava mais nada. Ficávamos sem ter o que fazer até o meio dia, pois era proibido se retirar antes. Para ter noção o Betinho produzia mais de 600 pés de moleque. Ao término das missas na Santa Terezinha vinha uma "procissão de fiéis" até nossa banca. Isso causava certa "inveja" em alguns artesãos. Imagina uns cabeludos riporongos que com certeza "não tomavam banhos" venderem e eles "artistas" não. A alternativa que encontramos para ocupar o tempo foi levar amostra de arroz integral, grémio de trigo, incenso, etc. para fazer a "catequese naturista" e promover nossa cooperativa. Então teve a eleição para eleger a comissão do Bric. Apoiamos uma chapa de amigos. Venceram. A Smic não gostou e os que perderam muito menos. E estes esperaram rateadas da nova comissão e destituíram a nova comissão. Então os que perderam assumiram. Tudo em gabinete. Quando teve a primeira reunião na Smic eu e o Betinho nos pronunciávamos contrários a decisão da Smic. Outros artesãos também. Fomos todos "marcados". E, posteriormente, todos perderam o alvará. Era o período da ditadura. Contratamos um advogado. Os artesãos foram conseguindo reaver seus alvarás. Porém, nós da Coolmeia, não resistimos a uma única pergunta da funcionária da Smic. Vocês têm alvará da saúde para produzir? Pergunta fatal. A Coolmeia nesta época não tinha alvará de espécie alguma. Tinha o cnpj e olhe lá. O contador da época era um incompetente. E desistimos de reaver o alvará. Por estranha ironia, anos depois a Coolmeia criaria, em 89, sua própria feira. Perdemos uma banca e ganhamos uma feira. Risos irônicos.

A experiência do Bric foi importante para vermos nas feiras populares um importante instrumento de diálogo com as pessoas e promovermos os princípios do cooperativismo, naturismo e ecologismo. A Coolmeia era convidada para participar dos eventos promovidos pelo Movimento Ecológico. Com destaque nos acampamentos e passeatas da Luta contra o Polo Petroquímico, no acampamento do abraço ao Guaíba promovido pelo Em Nome do Amor à Natureza. Nos identificamos tanto com as feiras que em 1985 decidimos que esta seria a principal forma de promovermos a Coolmeia e sua ideologia junto à sociedade.

Outro lado é outra coisa!

Aqui deste lado. Falarei de histórias ligadas ao que produz e comercializo.

Um dos sabores que utilizo para saborizar a kombucha e fazem ótimo sucesso são amora e framboesa. São produzidas pelo Sítio Espaço do Sossego localizado no município de Farroupilha.

Quero aqui socializar com vocês minha experiência com este fornecedor para que possam curtir um pouco mais da minha kombucha.

Foi entre 85 e 88 que soubemos que havia um produtor de maçã orgânica no município de Farroupilha. Nesta época eu era o comprador da Coolmeia. Falei com José Lutzenberguer, com a Emater de Farroupilha e com alguns amigos da Agapan que tinham relação com a entidade ecológica de lá. Todos confirmaram a confiabilidade da produção e do produtor. Então liguei para o Pedro Lovatto produtor desta maçã. Acredito que o Pedro deva ter feito o mesmo conosco. E lá fui eu com a Kombi 1975. Daquelas Kombis bem antigas, que batiam lata e com folga na direção de quase 180 graus. Era usada para distribuir maços de cigarro e tinha pintura de uma marca de cigarro! Os esoteristas, de forma bem humorada, diziam que ela estava “pagando” seu carma negativo trabalhando agora para Coolmeia. Incluo os motoristas dela neste pagamento de carma. Sem celular e sem aplicativo cheguei em sua propriedade. Carregamos a preciosa carga de maçã. Seria a primeira maçã sem veneno no entreposto da Coolmeia. Não chegou a 500 kg. Nos despedimos. E fui ligar a Kombi. Não ligou. Já era noite. O que fazer? Nada poderia ser feito para consertar a Kombi à noite. Aceitei o convite e decidi posar em sua casa. Foi legal. Pudemos conversar com calma. No meio da noite a terra treme. Acordo assustado. Era o trem que passava ao lado de sua casa. Experiência inesquecível. Consertamos. E parti. Festa ao chegar na Coolmeia. A maçã era pequena e tinha muito bicho. Vendemos bem, perdemos muita maçã estragada. Conseguimos pagar pelo produto e os custos. Sucesso total. Anos depois, 1989, convidamos Pedro Lovatto para participar da primeira feira ecológica do RS. Ele veio e continua até hoje.

Família Diehl Fone 51 996611612

A Família Diehl tem sua sede na Estrada Chapéu do Sol, Belém Novo, Porto Alegre. É pioneira, 1982, em produção e comercialização de orgânicos em Porto Alegre. Esteve presente na inauguração da Feira de Agricultores Ecologistas em outubro de 1989. Nesse período estava arrendada para a Coolmeia. Retornamos agora em 2017. Temos agroindústria que produz pastinhas veganas e saborizamos kombuchas. Também produzimos Ora Pro Nobis, algumas frutas e temperos. Comercializamos em duas feiras. No Box 50 na 1ª. Quadra da rua José Bonifácio aos sábados pela manhã até às 13 horas. E, nas quartas-feiras, na Feira Ecológica do Menino Deus das 11 às 17 horas.

Histórias da Coolmeia 4

Arroz integral não pode faltar.

A Coolmeia foi fruto do movimento ecológico da década de 60 que surgiu numa crítica à sociedade industrial de consumo irresponsável e inconsequente. Valorizava-se o simples, o necessário e o vital. Quanto mais natural e integral melhor. O arroz, farinhas integrais, feijões, mel, açúcar e sal formavam o kit básico naquela época. Hoje o reinam são as barrinhas de cereais e os suplementos industrializados. O arroz integral tinha que ser o cateto. O tipo agulha nem pensar. Isso se deveu à forte influência da dieta macrobiótica japonesa criada pelo George Oshawa tendo no Brasil seu dileto Tomio Kikuchi. Nos anos 80/90 o Mercado Público e nem os supermercados vendiam arroz integral e cateto muito menos. Quem mais vendia em Porto Alegre era a Associação Macrobiótica, localizada no centro de Porto Alegre e a Dona Edith Travi.

Assim era a vida. Era.

Em 1984 a Coolmeia estava quase quebrada. Pois na busca de soluções mágicas fizemos duas besteiras. Alugamos um restaurante no bairro Floresta. Ninguém entrava. E para completar a burrada. Abrimos uma lanchonete na praia de Capão da Canoa. Vendia meia dúzia de pão de queijo, iogurte e pães integrais. Estávamos mal. Acontece que a família da associada e dirigente da Coolmeia Glaci Campos Alves tinha um sítio na Barra do Ribeiro. Este município na região do cerro é recheada de pequenos arrozeiros. Uma riqueza. Daí começamos a comprar o arroz com casca e beneficiar num pequeno engenho do Seu Júlio no Douradilho. Com este processo de agilizar o beneficiamento e fazer tudo sem nota fiscal a Coolmeia obtinha enorme margem. Conseguíamos fornecer o arroz mais barato de Porto Alegre e inclusive superar em vendas a Associação Macrobiótica. Vendíamos agora também no atacado. A Coolmeia quem introduziu o arroz cateto integral no Mercado Público. E assim conseguimos pagar as dívidas e seguir vivendo. Como a organização burocrática e a ética cooperativa não coadunam com sonegação de impostos. Eu percebia que isto estava chegando ao fim. Até que um dia o brigadiano do Posto de Fiscalização do ICM na Ponte do Guaíba fez sinal para eu parar a Kombi. Não parei. Acelerei o que pude. Eu acho que provoqueei um ataque de riso no brigadiano. Pois a Kombi 1975 carregada não chegava a 70 km\hora. Cheguei na Coolmeia apavorado. Descarregamos. E nunca mais sem nota fiscal. A vida de gangster, definitivamente, não é para os fracos.

Impossível não continuar contando história sobre arroz.

Na região da Barra do Ribeiro, Mariana Pimentel, Sertão Santana e Tapes conhecemos outro mundo. Cada pequeno arrozeiro era um aprendiz. A maioria produzia arroz agulha para ganhar dinheiro. E plantavam para consumo seu arroz preferido. Assim conhecemos o cateto, japonês, o farroupilha, o formosinha, obico torto, o blue berry, o catetão e o catetinho. E assim os associados consumidores foram se qualificando e se tornando mais exigentes. E eu também.

Seu Júlio me ensinava a comprar o arroz. Ria muito quando eu chegava com arroz úmido demais, mofado, sujo demais e caro demais.

Com o tempo fomos nos aprimorando e selecionando os melhores produtores. Até que chegou o agricultor e arrozeiro seu Felinto Pires. O Felinto era um autêntico gaúcho, açoriano de Tapes. Brizolista de pura cepa. E produtor de arroz de primeira. Muito aprendemos com ele. Foi o primeiro produtor ecologista da Coolmeia. Sem dúvida o alguém para se admirar. Era associado da entidade ecológica de Tapes. Foi seu presidente quem o apresentou à Coolmeia. Nós adquiríamos toda sua produção de arroz cateto. Sabia tudo sobre o manejo da água para controle das plantas indesejadas. Arroz seco nas medidas. Tudo perfeito.

Certa vez, fomos visitá-lo. Foi eu, Jacques e minha filha. Vitória devia ter uns 4 anos. Felinto e sua esposa prepararam o almoço. Claro, churrasco e complementos. Carne de ovelha recém carneada. Eu era conhecido como naturista xiita. E claro minha filha, também, deveria ser. Deveria. Minha filha, esperta e oportunista, disse quero frango. Frango era como falava carne. Felinto surpreso, esperou minha concordância. Sim. Ela repetiu uma, duas e três vezes...e se atracou numa costela. Ela comeu mais carne que todos. Enfim virei motivo de piada por muitos anos. Infelizmente quando sai da Coolmeia em 97 foi substituído por produtores mais expertos e capitalizados. Orgânicos também, mas isso não é tudo na vida.

Família Diehl Fone 51 996611612

A Família Diehl tem sua sede na Estrada Chapéu do Sol, Belém Novo, Porto Alegre. É pioneira, 1982, em produção e comercialização de orgânicos em Porto Alegre. Esteve presente na inauguração da Feira de Agricultores Ecologistas em outubro de 1989. Nesse período estava arrendada para a Coolmeia. Retornamos agora em 2017.

Temos agroindústria que produz pastinhas veganas e saborizamos kombuchas. Também produzimos Ora Pro Nobis, algumas frutas e temperos. Comercializamos em duas feiras.

No Box 50 na 1ª. Quadra da rua José Bonifácio aos sábados pela manhã até às 13 horas. E, nas quartas-feiras, na Feira Ecológica do Menino Deus das 11h30min às 17 horas.

Histórias da Coolmeia 5

O segundo grande salto

O primeiro foi quando a GFU, 1980/81, pediu para a Coolmeia procurar outro local. Os motivos eram vários. O primeiro é que a Coolmeia começou a atrair pessoas que tinham no ativismo político sua principal motivação. Onde se destacava a Glaci. Uma mulher que tinha acabado de vir do seu "exílio" europeu de 8 anos. Lá conheceu e o movimento feminista, cooperativas ecologistas e o movimento ecológico europeu. E encontrou na Coolmeia uma identificação. O bonito de tudo isso é que o vínculo afetivo entre as duas sempre permaneceu. Ao se mudar deixou de ser, emocionalmente, a Cooperativa dos Membros da Fundação Dr. Serge Raynaud de La Ferriere Ltda. e se afirmou como Cooperativa Ecológica Coolmeia.

O segundo grande salto. Ocorreu em 1985. Quando motivados pelo sr. Emiliano Limberguer fomos fazer curso de cooperativismo em Nova Petrópolis. Foram diversos fins de semanas. Pela primeira vez estudamos sobre a história do cooperativismo mundial, brasileiro e gaúcho. Tomamos decisões fundamentais. Tão fundamentais e marcantes que "milagrosamente" as praticamos! Primeira decisão éramos, em primeiro lugar, uma cooperativa seguidora dos princípios de Rochdale. E, agregamos o ecologismo e o naturismo. Então a Coolmeia seria a partir de agora, uma cooperativa ecológica. Decidimos tirar o adjetivo alternativo do nosso vocabulário. Não éramos mais uma alternativa a nada. A partir de agora nós éramos o que queríamos ser, sempre, a partir do diálogo e da negociação com a sociedade. Confirmamos que devíamos atuar no movimento cooperativista e no ecológico. Dentro do movimento ecológico deveríamos dar todo o nosso apoio, deixando claro que nossa prioridade não eram as lutas **contra** mas sim do **como** queríamos na prática que a sociedade fosse mais cooperativista, mais ecológica e mais naturista. Como cooperativa éramos de consumidores, trabalhadores e produtores rurais e urbanos. Tendo na autogestão a forma de atuar. Quanto ao naturismo o definimos como o cuidar de si. Corpo e mente. E, por fim, definimos que a sede da Coolmeia seria nossa atividade Yin, o cuidar de si. E a atividade Yang, o para fora, o diálogo com a sociedade, a realização de feiras. E, para coroar, a nossa última decisão foi de criarmos uma grande feira em Porto Alegre para apresentar este momento da Coolmeia. Nome? Tupambaé.

Simbolicamente, a partir destas imersões em Nova Petrópolis passamos a cortar o cabelo, fazer a barba, tomar banho e paramos de culpar a mãe. Crescemos.

A Primeira Tupambaé - 1986

Saímos de Nova Petrópolis com todo gás. Lembro de memória que a Glaci, Satyananda, Laura e o Mauro ficaram de elaborar o projeto da Tupambaé. Mas, sem dúvidas, era a Glaci a mentora intelectual da Tupambaé. O Local escolhido. Parque da Redenção entre o Expedicionário e o chafariz. Doze bancas num corredor para tratar sobre os grandes temas ligados à sociedade e doze no outro com foco na comercialização. Nos canteiros gramados entre os 2 corredores ocorreriam as mandalas de conversas e oficinas de arte, yoga, reiki, dança, pintura, música. Decidimos não ter palco pois queríamos tudo horizontal e participativo.

O número 12 das bancas foi uma escolha da Glaci, para ela os números possuem força e significados. Nas bancas de reflexão abordávamos às questões ligadas à fauna, flora, água, alimentação, lixo, espiritualidade, cooperativismo, consumismo, ensino, etc. As entidades públicas e privadas dividiam o mesmo stand e deveriam discutir entre si como tratar o tema das bancas! Fácil? Fácil nada! Foram diversas reuniões preparatórias. Envolvemos mais de 100 pessoas. Era o caos criativo. Satyananda focou nas mandalas.

Coube a mim a montagem das bancas. Locar era caro. Decidi fazer as bancas de toras de eucalipto envolvidas com tecido morim para dizer que era uma parede. Para os "incrédulos" montamos um favelão. Para nós eram bancas ecológicas.

O possível aconteceu. Sexta-feira começou a chover. À noite continua vento e chuva. Cancelamos ou não? Posição da Glaci: "Temos muita coisa para fazer. Não me interessa se está chovendo ou não". A chuva parou às 3 da manhã. A feira iniciaria às 9h! Claro sábado foi uma loucura improvisada. Mas domingo não. Estava linda e funcionando a pleno. As pessoas participavam, compravam e se alegravam. Fiquei em dúvida se a multidão de gente era por nossa causa ou não. Fui lá na semana seguinte. Confirmei o grande sucesso da primeira Tupambaé.

Família Diehl Fone 51 996611612

A Família Diehl tem sua sede na Estrada Chapéu do Sol, Belém Novo, Porto Alegre. É pioneira, 1982, em produção e comercialização de orgânicos em Porto Alegre. Esteve presente na inauguração da Feira de Agricultores Ecologistas em outubro de 1989. Nesse período estava arrendada para a Coolmeia. Retornamos agora em 2017.

Temos agroindústria que produz pastinhas veganas e saborizamos kombuchas.

Também produzimos Ora Pro Nobis, algumas frutas e temperos.

Comercializamos em duas feiras.

No Box 50 na 1ª. Quadra da rua José Bonifácio aos sábados pela manhã até às 13 horas.

E, nas quartas-feiras, na Feira Ecológica do Menino Deus das 11h30min às 17 horas.

Histórias da Coolmeia 6

A segunda Tupambaé 1987

O sucesso da primeira Tupambaé Feira Ecológica, 1986, foi além do imaginado. A sensação de ir além de uma grande meta foi indescritível. Como também foi o estresse no grupo de trabalhadores da Coolmeia. Pois além das obrigações ordinárias tínhamos na organização da Tupambaé uma atividade extra não remunerada. A alegria se misturava com as cobranças internas. Levamos semanas até voltarmos a ter relações normais no grupo de trabalho.

E, também, vamos fazer a segunda Tupambaé?

Meses depois reiniciamos as reuniões preparatórias para a Tupambaé Feira Ecológica. Achávamos que devido ao sucesso anterior agora conseguiríamos um patrocinador. Tentamos. Tentamos. E, nada de patrocinador. Como a receita do que vendemos não cobriu os custos do evento, décimos desta vez cobrar ingressos. Mas onde realizar um evento daquele porte a um baixo custo? Não sei quem sugeriu, mas decidimos alugar uma lona de circo. Ficamos animados. Mas onde alugar, quanto custaria? Bem, alguém disse que esse pessoal que faz circo também aluga as lonas. Pronto. Em Pelotas o Circo Orlando Orfei estava atuando. E, lá fui eu. Pedi a maior lona que eles tinham com capacidade para 6 mil pessoas. Fechamos negócio. Tudo rápido sem burocracia. Voltei realizado. Desta vez juntamos numa mesma banca o pensar, refletir com o comercializar. Juntar as pessoas ficou fácil. A prefeitura cedeu um palco para as oficinas, cedeu o som. Maravilha. De qualquer forma os custos do evento eram muito superiores à nossa capacidade financeira. Angustiado com a situação procurei consumidor que sempre falava comigo e admirava nosso trabalho e idealismo. Pedi dinheiro e ajuda. Ou. Ajuda e dinheiro. Ele me recebeu em seu escritório e disse que pensaria em algo. Pediu o projeto, o orçamento e previsão de receitas. Chamou-nos. E, disse: Tenho uma solução. Irei abrir uma conta bancária para a Coolmeia com cheque especial no valor que solicitávamos. Pediu que empurrasse os pagamentos para depois do evento. Sem alternativa aceitei. Feliz da vida. A Tupambaé estava garantida. Dia seguinte foi um gerente de banco, emperiquitado, procurar pelo “Dr. Nelson”. Ele já estava com as fichas preenchidas e o cheque especial no valor pretendido. Surreal. Agradeço até hoje ao Arnaldo Gueller por esta ajuda. Para ele foi um pequeno exercício de inteligência e influência. Mas, para nós, a viabilização da segunda Tupambaé – Feira Ecológica.

A Tupambaé – Feira Ecológica II - 1987

As stands e mobílias decidimos fazer tudo de bambu. Lutzemberguer articulou para que a Riocel doasse bambus para nós. O arquiteto Téo Urquiza fez o projeto. Uma carreta de bambus! Providenciei outra carreta de casca de arroz para evitar poeira e proteger o gramado do Parque Ramiro Souto no Parque da Redenção, no bairro Bomfim em Porto Alegre. E, assim foi.

Quando vimos a lona montada ficamos emocionados. Uma cooperativinha fazendo coisa de gente grande! Na hora pensei vamos aproveitar a lona e colocar faixas na ponta da lona. Fizemos 4 faixas de 10m. Imensas. Quando as colocamos na ponta da lona. Mal dava para ler o nome da Tupambaé. Erro de amadores. Novo sucesso de público. Conseguimos que 13 mil pessoas pagassem ingressos. Era mais fácil entrar do que pagar. Conseguimos pagar as despesas e não utilizamos o cheque especial. Nesta segunda Tupambaé conseguimos levar à sociedade a ideologia da Coolmeia em cooperativismo, ecologismo e naturismo. As oficinas e as stands tiveram ótimo envolvimento com o público.

Até hoje não entendo como conseguimos atrair tanto público. Pois fizemos apenas cartazes, panfletos e enviamos releases para a imprensa. Nada de assessoria e nada de anúncios pagos. Eu acho que foram os associados e consumidores que frequentavam a Coolmeia. A tal de boca/ouvido. A irmandade ecologista em ação. Muitos estudantes da rede pública a pedido dos professores. Gente de outros municípios. Gente de tudo que era tipo.

Segunda-feira. Nossa carruagem virou abóbora e voltávamos à realidade. Cansados, estressados e felizes. A Coolmeia era agora uma outra cooperativa. Dentro do movimento ecológico consagramos nossa forma de agir e pensar.

Vamos fazer a terceira Tupambaé? Sim, vamos. Mas dá um tempo!!!!

Família Diehl Fone 51 996611612

A Família Diehl tem sua sede na Estrada Chapéu do Sol, Belém Novo, Porto Alegre.

É pioneira, 1982, em produção e comercialização de orgânicos em Porto Alegre.

Esteve presente na inauguração da Feira de Agricultores Ecologistas em outubro de 1989.

Nesse período estava arrendada para a Coolmeia.

Retornamos agora em 2017.

Temos agroindústria que produz pastinhas veganas e saborizamos kombuchas.

Também produzimos Ora Pro Nobis, algumas frutas e temperos.

Comercializamos em duas feiras.

No Box 50 na 1ª. Quadra da rua José Bonifácio aos sábados pela manhã até às 13 horas.

E, nas quartas-feiras, na Feira Ecológica do Menino Deus das 11h30min às 17 horas.

Histórias da Coolmeia 7

A terceira e última Tupambaé 1988

Na semana seguinte a realização da Tupambaé - Feira Ecológica estávamos exaustos fisicamente e emocionalmente. Exaustos também coletivamente. Autogestão exige demais. Cobra demais. Expõe demais. E, no caso da Coolmeia, remunerava-se pouco. E, com elevada rotatividade de trabalhadores, o envolvimento nas atividades de rotina e nas políticas e ideológicas era muito irregular. Fica assim fácil de entender a exaustão nos momentos de alta exigência como foi, novamente, na Tupambaé.

Com a mais absoluta lucidez Satyananda propôs que a III Tupambaé – Feira Ecológica fosse menor. Bem menor. Palmas. Algo focado e direcionado para as escolas. Mais palmas. Local: Escolinha Amiguinhos do Verde. Data a de sempre. Segunda semana de Outubro. Satyananda (Renato), Glaci Campos Alves e o Mauro Rigo organizaram o espaço cedido. A idéia era fazerem as crianças passarem pela experiência dos problemas ambientais e de suas soluções. Foram feitos túneis. Caminhos. Ficou criativo e didático. E, após, vivenciarem a beleza da natureza proporcionada pelo jardim da escolinha. Tudo certo. Ficou bonito e eficiente. Dezenas de escolas públicas estaduais agendadas. Um sucesso previsível. Mas. Greve dos professores estaduais. Ferrou tudo. Foram algumas escolas municipais. Algumas particulares. Alguns visitantes individuais. Quem foi gostou e elogiou muito. Paciência.

Desta vez a Tupambaé – Feira Ecológica não estressou ninguém. Combinamos que guardaríamos energia para a IV Tupambaé em 1989.

Para mim a III Tupambaé – Feira Ecológica foi um alívio. Pois não teria forças para fazer o que tinha feito nas vezes anteriores. Como não lidou com grande público ficou despercebida. Como não teve divulgação nos espaços da Coolmeia pouco exigiu dos associados consumidores e dos associados trabalhadores.

O ano de 1988 não foi um ano de ressaca e lamber as feridas. Muito pelo contrário. Estava se armando uma revolução na agricultura orgânica/ecológica/regenerativa/biológica/natural. E a Coolmeia foi a escolhida por Sebastião Pinheiro e Jacques Saldanha para lançar este movimento revolucionário de dimensão mundial/brasileiro/gaúcho e porto alegreense.

Vá para o outro lado e entenderás melhor.

Biotecnologia Tropical – Chegamos no Brasil

Num belo dia chegam na Coolmeia Sebastião Pinheiro e Jacques Saldanha. Conversam com a Glaci e deixam uma caixa com berinjela, couve, couve flor, laranja, etc. Glaci organiza estes legumes numa cesta e os expõe na loja. Não era para vender. Olhar entender e apreciar. Revolta e admiração. Ficaram uma semana expostos. Com a mesma aparência e brilho. Impressionante.

Que acontecia no estado do Espírito Santo segundo Sebastião era a aplicação da Biotecnologia Tropical segundo Jacques era a agricultura indígena adaptada ao mundo branco. O criador desta revolução Nars Youssef Nasser. Os dois disseram que a Coolmeia deveria ir lá conhecer. Fomos. Eu fui. Impressionado é pouco

De fato. Depois do Nasser tudo mudou. Jacques entrou na coordenação da Coolmeia para difundir este trabalho mundo afora. E o fez com toda competência.

Antes do Nasser os orgânicos eram improdutivos, furadinhos, pequeninhos, bichadinhos e carinhos. Depois do Nasser não eram furadinhos porque eram naturais, eram grandes porque eram naturais, não tinham bichos porque eram naturais, eram mais produtivos porque eram naturais. Ou seja. Nasser inverteu tudo. Só os gênios conseguem este feito.

Frases lapidares. O mato é o adubo da terra. Não existe inseto praga, existe inseto com fome. A compostagem ocorre no solo. Fácil de entender, não é mesmo?
<https://nossofuturoroubado.com.br/agricultura-ecologica-pura-e-simplesmente>

Percebemos que nossa agricultura orgânica era incompetente, autoritária e desrespeitosa com os que aqui habitavam (indígenas). Era tudo menos ecológica. Ao entender isso ficamos corajosos. Pois tínhamos as respostas para os problemas agrícolas. Poderíamos agora levar as boas novas aos agricultores e a sociedade. Foi o que fizemos e os resultados apareceram. A Coolmeia agora é outra. De novo.

Família Diehl Fone 51 996611612

A Família Diehl tem sua sede na Estrada Chapéu do Sol, Belém Novo, Porto Alegre.

É pioneira, 1982, em produção e comercialização de orgânicos em Porto Alegre.

Esteve presente na inauguração da Feira de Agricultores Ecologistas em outubro de 1989.

Nesse período estava arrendada para a Coolmeia.

Retornamos agora em 2017.

Temos agroindústria que produz pastinhas veganas e saborizamos kombuchas.

Também produzimos Ora Pro Nobis, algumas frutas e temperos.

Comercializamos em duas feiras.

No Box 50 na 1ª. Quadra da rua José Bonifácio aos sábados pela manhã até às 13 horas.

E, nas quartas-feiras, na Feira Ecológica do Menino Deus das 11h30min às 17 horas.

Histórias da Coolmeia 8

Qual é a nossa agricultura?

Como havia afirmado na HdaC 5 (História da Coolmeia 5) que a Coolmeia havia retirado o adjetivo “alternativa” de seu vocabulário ideológico. Mas. Sempre há um mas. Mas, em 1988 com a descoberta das descobertas do Nasser na agricultura, Biotecnologia tropical, percebemos que a Coolmeia deveria definir sua visão de agricultura para a sociedade. Agricultura regenerativa? Não. Agricultura Natural. Não. Agricultura biológica? Não. Agroecologia? Nãooooo! Ecológica? Sim. Óbvio, pois éramos uma cooperativa ecológica. Conhecer a sua casa, era o que Nasser nos ensinava e que não sabíamos como fazer. Conhecer a própria casa. Nasser leu os mesmos livros que nós. Só que ele os leu de costas para a Europa e de frente para o Brasil. Nós líamos de costas para o Brasil e de frente para a Europa. Nasser soube fazer as perguntas corretas para a natureza(Brasil,trópicos). Quem faz a pergunta correta está mais preparado para receber a resposta correta. Não é mesmo?

Outro aspecto determinante. Não excluía a palavra “cultura” da agricultura. Argumentávamos que as palavras agronegócio e agroecologia eram como irmãs siamesas. Pois ambas retiravam a palavra cultura. Elas se apresentam no Brasil e no mundo como algo novo. E, para se implantarem retiram a palavra cultura. Porque? Para o novo se impor valorizar a cultura do povo não é uma estratégia correta. Sem cultura o novo se instala sem o filtro da crítica. Atiramos no que vimos e acertamos no que não vimos no momento desta decisão em 1988. Segundo Sebastião Pinheiro a Fundação Rockefeller financiava a introdução da palavra agronegócio e da agroecologia no mundo através de prepostos como o Eng Agr. Altieri. Outro aspecto importante, o termo agroecologia foi adotado pela esquerda em suas bandeiras políticas. Pois anexava à agricultura as questões sociais. Na prática os técnicos e agrônomos agroecologistas se transformavam em ótimos sociólogos e pouco sabiam responder aos problemas do cotidiano dos agricultores. A nossa forma de ver a agroecologia ficou evidenciada quando pela primeira o sr. Altieri esteve no Brasil e almoçou na Coolmeia. Ele dava pouca importância às questões técnicas que formulávamos. E, nós tínhamos que descobrir como era a agricultura antes dos colonizadores e adaptá-la ao momento presente. Tínhamos desafios imensos pela frente. Era evidente que um chileno preposto dos ianques tinha muito pouco a nos oferecer. Pois a Coolmeia era uma cooperativa e não um espaço acadêmico. E, os técnicos ligados à Coolmeia tinham que responder às demandas apresentadas pelos agricultores. E o Nasser não estava aqui, mas a 2 mil km de distância no ES!

O melhor entreposto de alimentos

O nome da Coolmeia se transformou ao longo dos anos numa marca registrada. A sua prática criou algo que descrevemos como **processo gerador de credibilidade**. Ter credibilidade não é algo que se cria e muito menos se impõe. A credibilidade é fruto do relacionamento, da comunicabilidade, do tempo, da dúvida e das respostas aos problemas. Para muitos ter credibilidade é fruto da ausência de erros e falhas. E quando elas surgem há a punição severa aos condenados. A Coolmeia agiu de forma diversa, conquistou credibilidade demonstrando suas imperfeições. E demonstrando claramente sua inconformidade aos erros e falhas.

Lembro, 96/97, que já havia um bom número de produtos orgânicos à venda no entreposto. E decidimos dividir o entreposto em dois. De um lado os produtos orgânicos e do outro os “ainda não orgânicos”. Ao usar “ainda não orgânicos” demonstrávamos que nem tudo era orgânico. Como também era um voto de inconformidade com esta situação. Também era um convite ao consumidor para enfrentar esta luta em diminuir os não orgânicos. Foi também uma forma dos associados operacionais responderem ao questionamento e da insatisfação dos consumidores ao encontrarem produtos não orgânicos no entreposto. De um problema achamos uma solução. A credibilidade foi conquistada em aumentar a cada ano os orgânicos no entreposto.

Outra questão era qual a melhor política de preços. Como discutir preço e qualidade com um produtor orgânico? Como estabelecer um preço justo ao produtor, justo ao consumidor, que proporcionasse sobras à Coolmeia e que permitisse uma boa remuneração aos seus associados trabalhadores? Minha estratégia única era ter o máximo de informações possíveis para poder dialogar com todas as partes. Conversando com bons argumentos chegávamos ao melhor denominador. Em suma, a centralidade estava no diálogo e na transparência. Era cansativo e desgastante também. Mas era assim que funcionava. Nelson Diehl.

Família Diehl Fone 51 996611612

A Família Diehl tem sua sede na Estrada Chapéu do Sol, Belém Novo, Porto Alegre. É pioneira, 1982, em produção e comercialização de orgânicos em Porto Alegre. Esteve presente na inauguração da Feira de Agricultores Ecologistas em outubro de 1989. Nesse período estava arrendada para a Coolmeia.

Retornamos agora em 2017.

Temos agroindústria que produz pastinhas veganas e saborizamos kombuchas.

Também produzimos Ora Pro Nobis, algumas frutas e temperos.

Comercializamos em duas feiras.

No Box 50 na 1ª. Quadra da rua José Bonifácio aos sábados pela manhã até às 13 horas.

E, nas quartas-feiras, na Feira Ecológica do Menino Deus das 11h30min às 17 horas.

Histórias da Coolmeia 9

E a IV Tupambaé – Feira Ecológica? Não. Agora é Feira de Agricultores Ecologistas!

Em outubro de 1988 terminamos de fazer a III Tupambaé – Feira Ecológica. Já tinha o projeto da IV tupambaé pronto. Decidimos, novamente, que somente a faríamos se surgissem patrocinadores. Mesma balela de sempre. Quem aceitamos e quem não aceitamos como patrocinadores. Acredito que os patrocinadores fazem a mesma lista. Novamente deu tudo errado. Nenhuma empresa contatada quis nos patrocinar. Início de 1989, eu como coordenador geral da Coolmeia e o João Batista como Secretário Geral decidimos não realizar a IV Tupambaé. Nós dois estávamos reunidos numa mesinha junto ao corredor. Neste momento passou a Glaci Campos Alves e lhe comunicamos a decisão. Ela com a maior naturalidade sugere que se faça uma feira de agricultores para não perdermos a tradição da Tupambaé em outubro. De imediato concordamos. Uma feira só de agricultura era uma coisa “fácil” de se fazer.

1989 era o primeiro ano da administração do PT em Porto Alegre. Jacques Saldanha agendou reunião com o Prefeito Olívio Dutra. De imediato Olívio aprovou nosso projeto e prometeu apoio. E, de fato, apoiaram em muito. O artista gráfico Adão Itsugaray fez o cartaz. Hoje é chargista renomado do jornal Folha de São Paulo. Infelizmente não ficou nenhum cartaz para contar história. Também prometeram assessoria de imprensa. Foi meia boca. E prometeram as bancas para os feirantes. Cumpriram. A prefeitura também se fez presente com bancas de reciclagem de lixo e apresentação do trabalho em agricultura do Centro Agrícola Demonstrativo - CAD.

Conseguimos a muito custo juntar 14 bancas. Sendo que, de três uma era horta do Leprosário de Itapuã, uma horta da escola pública de Novo Hamburgo e outra do CAD. Pouco, muito poucos, agricultores ecologistas. Fazer o que? Era com esta “banda” que tocaríamos. E, ponto final.

Data. Segunda semana de outubro. Nesta data se comemorava a alimentação no mundo e, da mesma forma, a luta contra os agrotóxicos. Perfeito.

E o nome da feira? Queríamos uma feira de agricultores e não de sítios de lazer. Uma feira que valorizava a agricultura e não produtos naturais e integrais. O nome Feira de Agricultores Ecologistas fechava todas as formulações, inclusive excluía a intermediação e a produção artesanal de pães e cucas. Desde o seu início focamos a feira em agricultura. Daria certo uma proposta tão radical? Deu certo. Tão certo que existe até hoje. Mas como foi possível? Vai lendo. Vai lendo.

O maior sucesso! Maior impacto impossível.

Local. Escolha fácil. A Coolmeia era do bairro Bonfim e como domingo já havia o Brique da Redenção. E, sábado é o dia das melhores feiras em Porto Alegre. Decidimos pelo dia 14 de outubro de 1989 na rua José Bonifácio. Bairro Bonfim.

Com o apoio da prefeitura o evento tecnicamente estava resolvido. E, convencer os feirantes seria fácil? A tática adotada foi de supervalorizar o evento para estimular os feirantes a se dispuserem a vir na feira. Vai ter público? Claro. Vai chover? Não. Quantas alfaces posso levar? O máximo que puder. E, se sobrar produto? A Coolmeia fica com as sobras! Meu otimismo estava ficando exagerado com a feira. Preocupante. Não teríamos espaço físico na cooperativa em caso de um fracasso. E, qual alternativa? Recuar? Jamais. Então escrevi um release de 14 páginas e comecei a distribuí-lo na imprensa. Os jornalistas riem quando falo disso. Mas funcionou. Pois eu escrevi e detalhei quem seriam os 14 feirantes. E, a página da 3 da Zero Hora mais de uma vez publicou quem seriam os feirantes em nossa primeira feira. Os jornalistas liam o release e faziam perguntas específicas. Quinze dias de antecedência já havíamos dado entrevistas em rádio, matéria de televisão e nos 3 jornais principais da cidade. Um dia antes da feira, sexta-feira, o jornal Zero Hora, faz uma matéria de página inteira no caderno rural! E, no sábado o mesmo jornal publica na contra capa HOJÉ E O DIA DA FEIRA ECOLÓGICA! Fiquei alegre e preocupado pois percebi que a feira seria um sucesso e faltaria produto. Dito e feito.

Os produtores foram chegando e já havia público. Quando a feira iniciou já havia uma multidão. Em menos de 30 minutos os produtos acabaram. Vanderlei Cacheira responsável pelo depósito da Coolmeia me perguntou o que deveria fazer. Eu lhe disse traz arroz, farelo de trigo, mesmo não orgânicos para as pessoas não retornarem de mãos vazias. Foram milhares de pessoas que chegavam e só parou ao meio dia. Os feirantes estavam impressionados. Reunimos às 13 horas. Nova feira sim ou não? Sim. Uma vez por mês? Sim. Vitória. Conquista. Nelson Diehl.

Família Diehl Fone 51 996611612

A Família Diehl tem sua sede na Estrada Chapéu do Sol, Belém Novo, Porto Alegre.

É pioneira, 1982, em produção e comercialização de orgânicos em Porto Alegre.

Esteve presente na inauguração da Feira de Agricultores Ecologistas em outubro de 1989. Nesse período estava arrendada para a Coolmeia.

Retornamos agora em 2017.

Temos agroindústria que produz pastinhas veganas e saborizamos kombuchas.

Também produzimos Ora Pro Nobis, algumas frutas e temperos.

Comercializamos em duas feiras.

No Box 50 na 1ª. Quadra da rua José Bonifácio aos sábados pela manhã até às 13 horas.

E, nas quartas-feiras, na Feira Ecológica do Menino Deus das 11h30min às 17 horas.

Histórias da Coolmeia10

Porque a Cooperativa Ecológica Coolmeia fechou?

Essa pergunta é feita, ainda hoje, por diversas pessoas. Tão importante como saber dos seus sucessos positivos e sabermos dos seus fracassos. E a falência foi o maior deles.

A Coolmeia encerrou suas atividades em meados de 2004. Mas voltarei ao ano 1993. Em 1993 sai da Coolmeia e mudei-me para o Rio de Janeiro para trabalhar na Coirnã Coonatura. Em 1995 Jacques e Glaci me convocaram para reassumir a coordenação da Coolmeia. Me contextualizaram dos problemas administrativos e políticos que enfrentava a cooperativa. Me convenceram. Disputamos a eleição e vencemos. Daí realmente percebi o tamanho dos problemas. Excesso de trabalhadores, política de preços equivocada, política de vendas muito passiva e equívocos autogestionários. Em dois anos diminuimos em 25% de trabalhadores, ampliamos o faturamento em 70%, reduzimos as dívidas de um mês do faturamento para zero, e zeramos o pagamento de juros bancários. Em 1997 decidi sair da Coolmeia e retornar à Coonatura. Um ano após minha saída soube que a Coolmeia retornou a pagar juros bancários, e idem para os processos judiciais trabalhistas. Na virada do milênio a Coolmeia já estava dividida politicamente, já não conseguia trabalhar politicamente suas bandeiras como antes. E o grupo de trabalhadores já não possuía a qualidade ideológica de outros tempos. Sem rumo o ambiente ficou aprazível para oportunistas e divisionistas. Foi neste ambiente que a Coolmeia acolheu trabalhadores que aproveitaram oportunidades para desvios de condutas das mais diversas, inclusive de ordem financeira. Decisões muito sonhadoras eram tomadas e logo esquecidas. Neste ambiente de má gestão da cooperativa faltava alguém para fechar a cova. E, foi o último conselho administrativo da Coolmeia que exerceu este papel. Ausência de coerência com seu passado, mentiras, falsas promessas, discurso vazio, enfim, uma fábrica de distorções e descompostura. Na minha opinião a Coolmeia não quebrou ela se desintegrou de 1997 a 2004.

Eu retornei do RJ para o RS em 2003 decidido a não trabalhar na Coolmeia e fazer outras coisas. Mas semanalmente ministrava oficinas de 45 min sobre alimento vivo na sede da Coolmeia. Percebia a má gestão em todos os setores. Ficava triste com a forma que a Glaci Campos Alves era tratada pela direção. Mas ao saber que a Glaci havia sido desligada do quadro de trabalhadores, imediatamente, pedi meu desligamento do quadro de associados da Coolmeia. E, também deixei de realizar minhas oficinas de alimento vivo. Meses depois encerrou definitivamente.

Simplificar o complexo. Fórmula do desastre.

É fácil explicar porque fechou a Coolmeia. Difícil explicar em poucas palavras porque durou tanto. Desconheço iniciativas de tamanha radicalidade e inovação que tenham durado tanto. Tudo que ela construiu e conquistou foi fruto do trabalho e criatividade dos seus associados e simpatizantes. Todos, homens e mulheres, brasileiros natos.

Poucas cooperativas populares existem no Brasil. E desconheço uma com o mesmo histórico e durabilidade.

Vemos, algumas vezes iniciativas, associativistas com belo material de divulgação – prospectos, saites, mídia social. Financiamento a fundo perdido dos governos ou do exterior. Termina o dinheiro do financiamento, infelizmente, elas sucumbem. Em primeiro lugar a falta de educação para a prática coletiva do brasileiro é um fato. Nos esportes é a competição. As notas, o herói, a rainha, a riqueza, a meritocracia, o sucesso individual estão acima do bem comum, colaboração, solidariedade e da prosperidade coletiva. O imediatismo dos resultados são entraves imensos para o trabalho coletivo. Um ditado africano que diz “se quer ir longe vá em grupo” é a mais pura verdade. O problema não foi a Coolmeia ter fechado. O problema foi não surgirem centenas de iniciativas similares e melhores.

Saber administrar uma empresa cooperativa, composta por mais de mil consumidores, centenas de produtores rurais e dezenas de urbanos e operacionalizada por associados trabalhadores. Tendo três Conselhos: Administrativo, Educativo e Fiscal. Envolvendo um entreposto, restaurante, lancheria, padaria, livraria, um atacado, três feiras ecológicas e um núcleo de ecotecnologias. Além disso fazer trabalho inovador e pioneiro no campo do cooperativismo, do ecologismo e do naturismo. Tudo isso autogestionariamente, ou seja, de forma descentralizada e complementar. A Coolmeia foi um milagre.

Família Diehl Fone 51 996611612

A Família Diehl tem sua sede na Estrada Chapéu do Sol, Belém Novo, Porto Alegre.

É pioneira, 1982, em produção e comercialização de orgânicos em Porto Alegre.

Esteve presente na inauguração da Feira de Agricultores Ecologistas em outubro de 1989.

Nesse período estava arrendada para a Coolmeia.

Retornamos agora em 2017.

Temos agroindústria que produz pastinhas veganas e saborizamos kombuchas.

Também produzimos Ora Pro Nobis, algumas frutas e temperos.

Comercializamos em duas feiras.

No Box 50 na 1ª. Quadra da rua José Bonifácio aos sábados pela manhã até às 13 horas.

E, nas quartas-feiras, na Feira Ecológica do Menino Deus das 11h30min às 17 horas.

Histórias da Coolmeia¹¹

A PRIMEIRA FEIRA FOI UM SUCESSO E A SEGUNDA SAI OU NÃO SAI?

O sucesso das Tupambaés se repetiu. Mas desta vez foi diferente. Agora a Coolmeia criou uma feira de agricultores num momento de crescimento político e econômico da Cooperativa Coolmeia.

Diante daquela imensidão de público que circulou na feira, mais de 5 mil pessoas, não se falava em outra coisa se continuaríamos a fazer a Feira de Agricultores Ecologistas ou não. Decidimos reunir os feirantes no gramado ao lado do Auditório Araújo Viana. Decidiu-se realizar a FAE mensalmente em virtude da pequena capacidade de produção naquele momento.

A decisão do grupo foi sensata e prudente. Mas ficou uma “batata quente” para a Coolmeia. Como fazer o público se organizar para vir novamente à feira. Como produzir hortaliças para comercializar uma vez por mês? Como repetir o apoio da mídia de forma gratuita?

A tarefa de realizar uma feira de hortifrutigranjeiros mensal seria impossível se a Coolmeia não tomasse decisões tão inteligentes e corretas. Na minha compreensão!

Primeira medida. **A Feira é uma criação e administrada pela Coolmeia.** Portanto a FAE deveria seguir seu ideário político e ideológico. **Autogestão** deveria ser a forma de administração. **Fundo feira** para custear o evento. E o mais importante. **A FAE estaria subordinada à Secretaria Cultural.**

A Feira uma criação e administrada pela Coolmeia. Um claro conflito com a lei municipal pois todas as feiras livres são uma promoção da prefeitura. A Coolmeia durante 12 meses solicitou autorização ao poder público para sua realização. E a prática da Coolmeia na defesa da saúde pública, dos valores do cooperativismo, naturismo e cooperativismo, garantia este poder de fato junto à sociedade. Qualquer ação do poder público no sentido contrário seria encarada negativamente pelo conjunto da sociedade. A este movimento da Coolmeia o definíamos como “*o exercício cidadão de ocupação do espaço público*”. De fato, a Coolmeia competia com o poder público, mas era tolerado e apoiado porque suas decisões defendiam o interesse público nunca o privado. A prática não é a mãe de todas as verdades?

Qual era o ideário político ideológico naquele período. Como disse anteriormente a Coolmeia tinha a bandeira da Biotecnologia Tropical, criada pelo Youssef Nasser, para difundir. E a FAE era o melhor espaço para política. Continua do outro lado.

Algo que não existia. Acabou existindo.

Também incluía as questões ligadas aos agrotóxicos e todas as formas de contaminação química na sociedade. Questões ligadas ao lixo, etc.

Autogestão. Uma cooperativa é por si autogestionária. E a FAE assim deveria ser. Criamos uma Comissão da Feira, criamos uma dinâmica de reuniões dentro e fora da sede da Coolmeia para decidir os rumos da FAE. Reuniões e procedimentos burocráticos correspondentes como atas e outros documentos formais que dialogavam com a estrutura da Coolmeia. O Fundo Feira surgiu desde a primeira feira. Ele foi se transformando em algo muito poderoso que merecerá uma História específica.

Secretária Cultural administrando uma Feira? Esta decisão se deve ao fato de entendermos a FAE como um evento político e cultural num primeiro plano. O sucesso comercial é derivado da ação política e cultural praticada pela Coolmeia.

Coloque estas decisões em movimento sincronizado pelas mãos e corações de mulheres e homens comprometidos deu no que deu. Conseguimos fazer as doze feiras mensais com relativo sucesso de público. O suficiente para comercializar toda a produção dos agricultores e demais produtores. A Secretaria Cultural se transformou numa “agência de propaganda” sempre com idéias criativas que eram acolhidas pela mídia. Mensalmente saía matérias na mídia que eram vinculadas com a FAE, que lembravam os consumidores de comprar “alfaces” na *feirinha ecológica*.

O Fundo Feira, composto por um percentual das vendas das bancas, era insuficiente e a estrutura da Coolmeia cobria seus gastos. Mas a lei da abundância é generosa. Pois, o sucesso da FAE refletia imediatamente no aumento da receita do entreposto, restaurante e demais setores da cooperativa. Impossível pensar no sucesso da FAE sem o suporte logístico e ideológico da Cooperativa Coolmeia.

Família Diehl Fone 51 996611612

A Família Diehl tem sua sede na Estrada Chapéu do Sol, Belém Novo, Porto Alegre. É pioneira, 1982, em produção e comercialização de orgânicos em Porto Alegre. Esteve presente na inauguração da Feira de Agricultores Ecologistas em outubro de 1989. Nesse período estava arrendada para a Coolmeia.

Retornamos agora em 2017.

Temos agroindústria que produz pastinhas veganas e saborizamos kombuchas.

Também produzimos Ora Pro Nobis, algumas frutas e temperos.

Comercializamos em duas feiras.

No Box 50 na 1ª. Quadra da rua José Bonifácio aos sábados pela manhã até às 13 horas.

E, nas quartas-feiras, na Feira Ecológica do Menino Deus das 11h30min às 17 horas.

Histórias da Coolmeia12

12 meses. 12 feiras construídas e daí?

Conseguimos em 12 meses constituir 12 feiras mensais. Cada feira era tratada como um evento específico. A Secretaria Cultural se especializou em criar. Fazíamos chamadas, cartazes, folders e releases específicos para cada feira. Fomos ocupando os espaços da feira com painéis informativos e educativos. Ficamos as doze feiras montando as bancas em cavaletes de madeiras. Os primeiros cavaletes eram emprestados pelo CAD/Prefeitura. Depois o fundo da feira comprou,

A valorização dos aspectos políticos e culturais foram bem recebidos pela imprensa, e sempre havia alguma divulgação gratuita seja no rádio, televisão e ou jornal. Isso não é pouca coisa.

Algo que Jacques Saldanha destacava em seus textos era sintetizado em “resgatar a cidadania do agricultor/agricultora”. Afirmava que o agricultor não utilizava veneno porque ele trazia à feira o mesmo alimento que utilizava em sua mesa com sua família e, portanto, colocar veneno seria como envenenar a sua própria família. Estes textos tinham também o objetivo de elevar a autoestima dos agricultores/agricultoras. Visto que todos eram principiantes em comercialização direta de seus produtos. Alguns inclusive não conheciam nem a capital Porto Alegre.

O nome Feira de Agricultores Ecologistas era estratégico. Através dele demonstramos que o foco da feira era agricultura feita por agricultores de fato. Evitamos com isso os sitiantes urbanos, empresários urbanos. Colocamos a agricultura como centro. E isso não existia em lugar nenhum no Brasil e no mundo. Também evitamos que os agricultores se transformassem em feirantes comerciantes que traziam cucas, pães e bolachas. Perguntávamos se eles produziam o trigo. Sendo negativa a resposta, demonstrávamos que isso não era agricultura, mas atividade de padaria e isso poderia ser feito na cidade.

Aos poucos foram entrando novos produtores. E já preocupava a questão da formação de grupo coeso com as ideias da feira e da Coolmeia.

Primeiro criamos a reunião pós feira. Uma reunião que se caracteriza por ser ágil e rápida. Primeiro ponto era avaliação da feira. Onde cada um fazia avaliação oral. Depois havia informes da Coolmeia e da Comissão da Feira. Temas complexos eram tratados na sede da cooperativa. Sua implantação não foi fácil. Mas a cobrança e firmeza exigindo a presença de todos prevaleceu. Um milagre participativo.

Cargo de Confiança é confiável?

Após a realização da segunda feira um CC da prefeitura quis conversar com a Coolmeia a respeito da FAE. Veio com uma "conversa mole", dizendo que haviam produtores que desejavam entrar na feira e nós dificultávamos. Nós já sabíamos que havia um zunzum a esse respeito e demos a resposta pronta ao CC. Primeiro a FAE era uma iniciativa da Coolmeia e que achávamos positivo o acompanhamento da prefeitura. Segundo alguns produtores eram, também, intermediários e isso era conflitante. E quanto ao horticultor que poderia ser apresentado para ser incorporado ao grupo. Claro que o CC não gostou e não deu sequência ao diálogo conosco. Mas inconformado passou a desgastar a Coolmeia internamente na prefeitura.

Como a FAE ocorria uma vez por mês a prefeitura inseriu uma feira de mel com uma banca de hortigranjeiros. Era o sinal que prevíamos. O CC da prefeitura dava sinais de contrariedade com a nossa forma de atuar. Esta feira gerou confusão para o público consumidor. Mas, também, afetou de alguma forma a relação com as empresas de assessoria do governo e privadas bem como prefeituras que procuravam a Coolmeia e a prefeitura na busca de espaços para comercialização.

Em outubro conversando com os feirantes e parceiros avaliamos que poderíamos no ano seguinte ter a feira quinzenal. A prefeitura aprovou. Beleza.

Decidimos festejar o primeiro aniversário com um grande banquete ecológico. Montamos um mesão imenso. Cada um levou sua contribuição. Pães, cucas, tortas, frutas, saladas, iogurtes, sanduíches e sucos. Tudo integral e orgânico. Fechamos a Rua. Decidimos abrir o banquete às 11h. Assim aconteceu. Para nossa surpresa centenas de pessoas avançaram e levaram em minutos todos os produtos inclusive as decorações. E, pior, pararam de comprar para levar seus presentes. Ficamos com cara de bobos. E nunca mais repetimos esta forma de comemorarmos.

Família Diehl Fone 51 996611612

A Família Diehl tem sua sede na Estrada Chapéu do Sol, Belém Novo, Porto Alegre. É pioneira, 1982, em produção e comercialização de orgânicos em Porto Alegre. Esteve presente na inauguração da Feira de Agricultores Ecologistas em outubro de 1989. Nesse período estava arrendada para a Coolmeia.

Retornamos agora em 2017.

Temos agroindústria que produz pastinhas veganas e saborizamos kombuchas.

Também produzimos Ora Pro Nobis, algumas frutas e temperos.

Comercializamos em duas feiras.

No Box 50 na 1ª. Quadra da rua José Bonifácio aos sábados pela manhã até às 13 horas.

E, nas quartas-feiras, na Feira Ecológica do Menino Deus das 11h30min às 17 horas.

Histórias da Coolmeia13

Dinheiro. Pra que dinheiro?

Como citei nas histórias anteriormente um dos motivos do sucesso das Feiras Coolmeia foi o Fundo Feira. Mas da mesma forma que detalhei um pouco sobre a importância da Secretaria Cultural para o sucesso das feiras, o mesmo se faz necessário para o Fundo Feira. O fundo Feira surgiu desde a primeira feira. Foi criada pela Glaci Campos Alves. Ela afirmava que “nada cai do céu”. E que a comercialização deveria custear a Feira. E assim foi. Glaci estipulou em 10% sobre o valor da receita de cada banca. Foi elaborado uma planilha onde todos colocaram os produtos que comercializaram. E assim foi até o fechamento da Coolmeia.

O Fundo Feira era administrado pela Secretaria Cultural. As decisões dos gastos ocorria em conjunto com a Comissão da Feira e também nas reuniões e assembleias dos produtores. No primeiro ano o Fundo conseguiu cobrir seus gastos. Assim como foi sendo alterado a sua forma de cálculo. No início era 10% sobre a venda. Depois decidimos calcular o custo de transporte da seguinte forma. 30% do valor da gasolina por quilômetro rodado. Ficou mais justo para todos. A terceira alteração foi na alteração dos 10%. Percebemos que não era justo cobrar de forma igual os 10% mesmo descontando o frete. Utilizando o critério da perecibilidade criamos três categorias. Hortifrutigranjeiros, Perecíveis como os cereais, laticínios e os ovos e a terceira categoria dos Não Perecíveis como artesanato, geleias, mel e artesanato. Esse último critério durou até 2003 quando a Coolmeia encerrou suas atividades. Neste novo momento os feirantes decidiram pela criação de um critério de divisão dos custos aprovados pelo grupo e pela Comissão da Feira.

Por sugestão da Coolmeia foi aprovado que o Fundo Feira teria destinação semelhante ao utilizado pelo cooperativismo. Tendo um percentual para Pessoal, Investimento, Educação, Fundo de Reserva e outro para a Coolmeia. Pessoal eram para as pessoas que se envolviam na administração e organização. Educação era para as despesas de assistência técnica e divulgação. Fundo de reserva. E para a Coolmeia era a forma de sinalizar o vínculo com a cooperativa e suas despesas em geral.

O Fundo Feira deu seu grande salto em arrecadação a partir do terceiro ano, 1992, quando a FAE passou a ser semanal. Com este aumento de receita pode-se qualificar ainda mais a divulgação da feira, assistência técnica e ter um Fundo de Reserva significativo que ajudou produtores e até investimentos para a Coolmeia.

O Fundo Feira foi um fenômeno raro de auto organização

Durante 14 anos os feirantes preencheram planilhas detalhadas com todos os itens que comercializavam, sobras e os preços cobrados. Um material de análise preciso e confiável. É claro que alguns faziam algumas maquiagens, mas eram poucos, identificados, que não alteravam a credibilidade da maioria.

De 1999 a 2001 a arrecadação mensal com as três Feiras Coolmeia somava sete mil dólares! Um recurso bem superior a de muitas ongs.

Lembro que em 1994 a Coolmeia contratou o Médico Veterinário Raimundo, residente em Niterói – Rio de Janeiro – para assessorar por três meses os feirantes que produziam laticínios e ovos. Seu trabalho se estendeu por diversos anos. Tudo custeado pelo Fundo.

O Fundo Feira garantia a contratação de técnicos agrícolas para apoio técnico aos agricultores, a realização das visitas técnicas e dos encontros de confraternização.

As Feiras Coolmeia localizadas no bairro Menino Deus tiveram durante anos apoio financeiro do Fundo Feira da FAE para se viabilizarem. Não por nada são as duas maiores feiras ecológicas depois das duas da rua José Bonifácio.

O Fundo Feira viabilizava um administrador para cada Feira e um coordenador das três Feiras mais dois técnicos agrícolas. Mais recursos para a divulgação comercial, educativa e política.

É emocionante vermos consumidores, ainda hoje, chamarem afetivamente uma das maiores feiras livres de Porto Alegre de “Feirinha Ecológica”.

Família Diehl Fone 51 996611612

A Família Diehl tem sua sede na Estrada Chapéu do Sol, Belém Novo, Porto Alegre. É pioneira, 1982, em produção e comercialização de orgânicos em Porto Alegre. Esteve presente na inauguração da Feira de Agricultores Ecologistas em outubro de 1989. Nesse período estava arrendada para a Coolmeia. Retornamos agora em 2017.

Temos agroindústria que produz pastinhas veganas e saborizamos kombuchas. Também produzimos Ora Pro Nobis, algumas frutas e temperos. Comercializamos em duas feiras.

No Box 50 na 1ª. Quadra da rua José Bonifácio aos sábados pela manhã até às 13 horas. E, nas quartas-feiras, na Feira Ecológica do Menino Deus das 11h30min às 17 horas.

Histórias da Coolmeia14

Muito. Muito mais que uma parceira!

A Coolmeia não esteve sozinha como cooperativa, como entidade ecológica, autogestionária e naturista da década de 80. Houve diversas iniciativas semelhantes à Coolmeia no Brasil. Mas a Coonatura – Associação Harmonia Ambiental – sem dúvida foi a que teve maior sinergia com a Coolmeia. A Coolmeia surgiu em 1978. A Coonatura em 1979.

Tanto a Coonatura como a Coolmeia são urbanas, iniciaram com um pequeno entreposto de produtos naturais e trabalhavam com o associativismo dos consumidores. E, ambas foram pioneiras no fomento da agricultura de base ecológica no Brasil.

A Coonatura no Rio de Janeiro e a Coolmeia no Rio Grande do Sul eram referências de qualidade e seriedade nas áreas em que atuaram. Os produtos nos entrepostos significavam que tinham sido submetidos aos seus padrões de qualidade e eram bons.

A Coonatura estabelecia com seus associados uma relação de grande envolvimento nas atividades cotidianas. Os associados assumiam tarefas de harmonização do espaço, elaboração do Boletim, descarga de caminhão de verduras, administração da biblioteca, etc. Estas tarefas começavam no momento de inserir o associado na entidade com a obrigação de doar um determinado tempo para conhecer no cotidiano a associação. E muitos continuavam doando seu tempo!

Com poucos anos de existência a Coonatura teve que ter um Núcleo Rural para organizar a produção de alimentos orgânicos. Ficava no Brejal, área rural de Petrópolis. Durante anos foi a maior área de produção de hortigranjeiros no Brasil. Eram em torno de 10 hectares. De uma Kombi os associados cotizaram a aquisição de um caminhão. Além de abastecer os dois entrepostos um em Botafogo e outro na Barra da Tijuca, fornecia para diversas lojas, feiras e na Ceasa como produto convencional.

Os associados da Coolmeia que visitavam a Coonatura contavam maravilhados. O mesmo acontecia com os associados da Coonatura visitavam a Coolmeia. Como tínhamos os mesmos sonhos nossas diferenças geravam aproximação e admiração.

A Coonatura encerrou suas atividades em 2003. A Coolmeia em 2004.

Momentos de construção coletiva

O Boletim da Coonatura foi editado por décadas. Uma construção coletiva de fato dos associados. Com suas 16 páginas de informações o Boletim por diversas publicava matérias sobre a Coolmeia. Sua regularidade foi uma conquista que pouquíssimas entidades tiveram.

A Coonatura, representada por Paulo Aguinaga, esteve na segunda Tupambaé Feira Ecológica ocupando a stand do Cooperativismo.

Também foram, Paulo e o Tuika, visitar conosco o trabalho do Nasser no estado do Espírito do Santo.

A Coonatura nos ajudou no fomento da agricultura orgânica no RS. Para quem estava iniciando a produção orgânica comercializar para o Rio de Janeiro era desafio motivante. Sem dúvida a Coonatura abriu as portas para as agroindústrias ecológicas gaúchas.

A Coonatura somente comercializava para seus mais de 2mil associados. Sua sede ficava no bairro Botafogo, tinha o Núcleo na Barra da Tijuca, o Núcleo Rural no Brejal em Petrópolis, e administrava uma estande de hortifrutigranjeiros orgânicos no Mercado da Cobal no bairro Humaitá.

Em 1993 decidi mudar para o Rio de Janeiro e trabalhar na Coonatura. Decidimos também criar a primeira Feira Ecológica na cidade. Aproveitando a minha experiência em criar a FAE. E assim em 1994 criamos a Feira da Cultura Ecológica, na Praça do Russel no bairro da Glória. Também foi um sucesso. E, existe até hoje junto com 12 feiras em diversos bairros da cidade.

Paulo, Tuika, Simone, Fafi, Lília, Paula, Lói, Paloma e tantas outras.....

Família Diehl Fone 51 996611612

A Família Diehl tem sua sede na Estrada Chapéu do Sol, Belém Novo, Porto Alegre. É pioneira, 1982, em produção e comercialização de orgânicos em Porto Alegre. Esteve presente na inauguração da Feira de Agricultores Ecológicos em outubro de 1989. Nesse período estava arrendada para a Coolmeia.

Retornamos agora em 2017.

Temos agroindústria que produz pastinhas veganas e saborizamos kombuchas.

Também produzimos Ora Pro Nobis, algumas frutas e temperos.

Comercializamos em duas feiras.

No Box 50 na 1ª. Quadra da rua José Bonifácio aos sábados pela manhã até às 13 horas.

E, nas quartas-feiras, na Feira Ecológica do Menino Deus das 11h30min às 17 horas.

Histórias da Coolmeia15

Coonatura pegou junto!

É impossível restringir a relação da Coonatura com a Coolmeia numa única edição. Em verdade nem em duas. Mas é o que temos para o momento.

Na década de 80 havia por parte das lojas de produtos naturais apenas vontade de trabalharem com os orgânicos. E essa vontade se restringia quando muito aos hortigranjeiros: Isso no Rio de Janeiro. Aqui em Porto Alegre nem isso. Única exceção foi a loja da Edith Travi ali na Rua Dr. Timóteo.

Teve uma época que um projeto alemão financiou a produção de flocos e farinhas de cereais orgânicos na região de Panambi. Trigo, centeio, cevada e aveia. Não durou muito tempo, infelizmente. As grandes empresas de beneficiamento e atacadistas queriam comprar mais baratos que os convencionais. E as lojas no Brasil vendiam muito pouco. Tínhamos apenas a Coonatura com quem contar. A Coonatura providenciava locação de câmara fria e de espaços para estocar a compra de grãos, farinhas, feijões, sucos, geleias e frutas. Monitoravam a viagem do caminhão com a preciosa mercadoria. Não foi uma vez que prestaram socorro quando o caminhão estragava na viagem. Era sempre uma façanha a chegada dos produtos no Rio de Janeiro. Esse tipo de parceria não estabelecemos com mais ninguém.

A sede da Coonatura no Rio de Janeiro ficava no bairro Botafogo na minúscula rua, sem saída, de 70 metros, Hans Staden. Os associados e demais motoristas estacionavam seus carros fechando totalmente a rua. Para resolver o problema deixavam as chaves e o vidro aberto para que movessem seu veículo e liberasse o caminho! Em décadas nunca soube que alguém furtou pertences e o próprio veículo. Em pouco tempo estava eu manobrando carro de quem não conhecia e nem pedia permissão para tal. Coisas do Rio de Janeiro.

As reuniões na Coonatura aconteciam na parte da tarde. E quando necessário se convocavam associados consumidores para assumirem as atividades de atendimento e caixa para que todos os trabalhadores pudessem estar na reunião.

Nos dias de feirinha orgânica os associados se auto atendiam. Escolhiam, pesavam e anotavam num papel suas compras, uns inclusive faziam a soma total. Uma vez fizemos a conferência e constatamos que os erros de registro eram quase sempre favoráveis à Coonatura. A credibilidade é algo que não cai do céu. É construída.

Um gaúcho na Coonatura fará o quê?

Quando mudei do sul para o Rio de Janeiro fui super bem recebido pela Coonatura. Lembro do Paulo Aguinaga perguntar o que eu gostaria de fazer no Rio. Respondi. Organizar uma feira ecológica como fiz em Porto Alegre. Ele e o pessoal da Coonatura acharam uma coisa legal.

E assim foi. Um portoalegrense que pouco conhecia o Estado do Rio foi organizar a primeira feira ecológica naquela cidade. Sem dúvida minha experiência foi algo que ajudou. Mas a realidade da agricultura no estado do Rio é algo, totalmente, diferente do sul. Em primeiro lugar o interior carioca é pobre e desassistido. A estratégia que adotei foi a mesma que adotamos em Porto Alegre. Criar a feira com o que tínhamos de agricultura e com o tempo agregarmos e melhorarmos. Procurei associações e ongs ligadas ao tema. Convidei a Abio para cuidar da parte de agricultura e certificação. A Coonatura ficaria com a administração da feira. A grande dificuldade foi conseguir apoio da imprensa carioca. Conseguimos poucas entrevistas em rádio e somente uma divulgação no Jornal do Brasil. E mais nada! E havia um grande empecilho. Havia uma lei municipal que proibia novas feiras de rua na zona sul carioca. Pensei. Se conseguir três autorizações da prefeitura a feira estará garantida. E consegui autorização para uma feira ecológica em outubro, novembro e dezembro. Decidi realizar na Praça do Russel no bairro da Glória. Havia fácil acesso, metrô, bom espaço para estacionamento e as bancas. Fui avisado pela polícia municipal que não tínhamos autorização e receberíamos visita. E, recebemos. Um caminhão cheio de policiais armados. Peguei minha autorização e fui em direção a eles. Deu certo. Eles aceitaram e nunca mais nos importunaram. A feira foi um sucesso. Até hoje presta um belo serviço à sociedade. Hoje são mais de 14 feiras ecológicas na cidade.

Família Diehl Fone 51 996611612

A Família Diehl tem sua sede na Estrada Chapéu do Sol, Belém Novo, Porto Alegre. É pioneira, 1982, em produção e comercialização de orgânicos em Porto Alegre. Esteve presente na inauguração da Feira de Agricultores Ecologistas em outubro de 1989. Nesse período estava arrendada para a Coolmeia. Retornamos agora em 2017. Temos agroindústria que produz pastinhas veganas e saborizamos kombuchas. Também produzimos Ora Pro Nobis, algumas frutas e temperos. Comercializamos em duas feiras. No Box 50 na 1ª. Quadra da rua José Bonifácio aos sábados pela manhã até às 13 horas. E, nas quartas-feiras, na Feira Ecológica do Menino Deus das 11h30min às 17 horas.

Histórias da Coolmeia16

Pioneirismo ninguém tira!

O ano poderia ser 83 ou 1984. A Coolmeia tinha um entreposto recheada de vontade, mas muito pouca realidade de alimentos orgânicos e de quem produzisse. Tudo era um sonho a ser realizado. Lutzenberguer liga falando de um produtor de moranguinhos na cidade de Feliz. Depois um alemão Ralf, destes alemães da Alemanha, que trabalhou com o Lutz veio falar deste produtor de morango. E nos passou o endereço. Falei com a Emater da Feliz que nos confirmou tudo. E, lá fui eu.

Não lembro como fui se foi na Kombi da Coolmeia ou no carro emprestado da minha família. Mas fui e cheguei. Primeira confirmação eram, de fato, agricultores familiares. Típica família de imigrantes alemães. Todos loios. Até a casa era tipo Chanel! Luxo só. Fechamos o negócio em poucos minutos. E o transporte? Elemar o patriarca da família viria com seu amigo que vinha semanalmente comercializar na Ceasa. Dias depois liga e confirma toda segunda-feira às 6 horas da manhã poderíamos ir buscar a carga valiosa.

Nesta época o MAPA ainda tinha um laboratório de análises aqui em Porto Alegre. Era "pilotados" por dois funcionários públicos Eng Agr Sebastião Pinheiro e a Farm. Ana Vals. Os dois analisaram os moranguinhos da Ceasa e constataram que estavam contaminados com ditiocarbamatos. Foi um escândalo na época, a imprensa deu forte destaque. As vendas caíram fortemente. A cidade de Feliz era o maior produtor de moranguinhos na época. A cidade ficou fortemente machucada.

O tempo firmou uma bela amizade entre a Família Schmitz e nós da Coolmeia. Do moranguinho a família passou a fornecer lindas alfaces, vagem a metro, pepino, figo, laranjas e deliciosos queijos.

Os queijos eram artesanais e sem registro sanitário. Mas comercializávamos mesmo assim e sem nenhuma culpa. Muito pelo contrário. Certa vez a vigilância sanitária esteve fazendo "visita" e constatou o queijo sem registro e procedência. Exigiram a retirada. De imediato recusei. Disse quem produzia e como era produzido. Sem pensar nas consequências disse que poderiam fechar a loja. Blefei, depois tremi. A técnica, acho, que não esperava minha "coragem" e espontaneidade. Fez o dito pelo não dito. E continuamos comercializando.

A Família Schmitz era parceira confiável nas "brigas" que a Coolmeia se envolvia. A confiança sempre foi mútua. De minha parte até hoje.

A Casa Schmitz.

Em meados de 1990 decidimos fazer a restauração das duas casas que a Coolmeia alugava na rua João Telles no Bairro Bonfim. Nesta época a Coolmeia assumia integralmente os imóveis. E precisava ampliar o entreposto e o restaurante. O associado e arquiteto Téo Urquiza nos influenciou e assessorou esta empreitada. Foi um trabalho meticuloso e respeitoso. As reações no bairro foram significativas. Não foram poucos que não entendiam os gastos em dois prédios que seriam em pouco tempo destruídos para dali se transformarem em um moderno edifício. Mas a maioria gostava e nos elogiavam pela iniciativa. Não foram poucas vezes que via o Elemar Schmitz observar o que e como estávamos fazendo aquela restauração. Anos depois quando fui visitá-los observei que a casa centenária tipo Chanel que moravam foi restaurada do mesmo modo que fizemos. Restaurar uma casa é algo raríssimo no interior. O "normal" é transformar a casa antiga em depósito ou galinheiro. Hoje sei que a casa foi ampliada respeitando sua história e cultura. Hoje Casa Schmitz é, também, a marca dos seus produtos.

É, da mesma forma, uma ampliação do significado da agricultura familiar. Nós que quando criamos a Feira de Agricultores Ecologistas identificamos as bancas com o nome da Família e não com o patriarca. Foi uma dificuldade para os agricultores no início. Mas depois entenderam o significado e virou motivo de orgulho. Mas Casa Schmitz vai além do que pretendíamos. E isto para a Coolmeia e para mim é motivo de muita satisfação. Pois quando se é pioneiro na sociedade é comum a crítica e a incompreensão. E, quando se ajuda alguém a despertar de algo e esse alguém vai muito além do que provocamos. Isso não tem preço. Tem valor. Muito valor.